

Linha de pesquisa: Sistemas Agroindustriais e Comércio Internacional

EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS SOCIOCULTURAIS

Andressa Cristina Mittmann¹
Bruna Márcia Machado Moraes²
Aline Sacilotto Bacin³
Eduardo Rodrigues Sanguinet⁴
Rodrigo Klein Lorenzoni⁵
Andréa Cristina Dörr⁶

RESUMO: A Economia Solidária é uma forma de produção e consumo que preza pela socialização da riqueza e gestão da atividade econômica, através do comércio solidário. Ela se apresenta como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Objetiva-se nesse trabalho identificar quais são as categorias sociais e as comunidades que formam os empreendimentos que participaram da 2^a Feira Mundial de Economia Solidária, realizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, no mês de Julho de 2013. Para tal, foram coletados dados primários junto aos expositores, através da aplicação de questionários semiestruturados, que participaram da feira. Os resultados afirmam que os empreendimentos são de cunho familiar, formados principalmente por mulheres e seus integrantes possuem escolaridade regular. A maior parte dos produtos ofertados são artefatos artesanais. Conclui-se que os empreendimentos são formados, em sua maioria, por artesões e originários de comunidades tradicionais.

Palavras-Chave: Economia Solidária; Empreendimentos; Características Socioculturais.

ABSTRACT: The Solidarity Economy is a form of production and consumption that values the socialization of wealth and management of economic activity through fair trade. She is presented as a novel alternative source of employment and income and a response to social inclusion. This work aims to identify which social groups and communities that form the enterprises that participated in the 2nd World Fair of Solidarity Economy, held in the city of Santa Maria, Rio Grande do Sul, in the month of July 2013. For this purpose, primary data were collected with the exhibitors, through the application of semi-structured questionnaires, which participated in the fair. The results affirm that enterprises are family imprint, formed mainly by women and their members have regular schooling. Most of the products offered are handmade artifacts. It is concluded that the ventures are formed mostly by artisans and originating in traditional communities.

Key Words: Solidarity Economy; Ventures; Sociocultural Features.

Classificação JEL: M1; M10

¹ Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

³ Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

⁴ Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

⁵ Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

⁶ Prof.^a Dr.^a do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a economia solidária vem se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Ela é composta por uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário (Cruz e Santos, 2010).

A Economia Solidária se difere da economia capitalista e tem como valores a cooperação e a solidariedade. Assim, os interpretes da economia solidária apontam algumas qualidades que a fazem singular, argumentando que se trata de uma organização econômica baseada na horizontalização do poder, na autogestão, na cooperação e na solidariedade, que busca autonomia e laços de trabalhos não burocratizados e antagônicos, fazendo com que aconteça uma emancipação do trabalho, que deixa de ser alienado e transformado em uma simples mercadoria. Com isso, o principal mecanismo de funcionamento da Economia Solidária seria a autogestão (Benini e Neto, 2007).

Em relação as categorias sociais, estas podem ser entendidas como o conjunto de agentes que, mesmo com origens diferentes, podem atuar politicamente como uma unidade autônoma. Neto, Benini e Benini (2010) mostram que as categorias sociais presentes nos empreendimentos solidários são formadas, principalmente, por indivíduos excluídos do mundo capitalista, então, pode se dizer que a proposta de economia solidária está diretamente relacionada com o movimento cooperativista, mas também no sentido de ser algo maior que o próprio cooperativismo, abrangendo outros elementos, como o associativismo, clubes de trocas, moedas sociais, entre outros.

Sabendo que a Economia Solidária se destaca como uma forma de inclusão social, Cattani (2003) afirma que não basta a Economia Solidária ser alternativa para os pobres e excluídos. Ela precisa proporcionar avanços em todos os domínios, envolver de maneira responsável, amplos segmentos da sociedade. O esforço deve ser voltado para recuperar socialmente o que o progresso técnico proporcionou em termos de conforto e qualidade de vida. Mas o maior desafio é reforçar as lutas sociais em curso no capitalismo avançado.

A cidade de Santa Maria, situada no interior do Rio Grande do Sul é uma cidade pioneira no Brasil no tema de Economia Solidária, pois, segundo PELEGRINI *et. al.* (2013), a

Feira de Economia Solidária de Santa Maria surgiu no mesmo ano da primeira publicação acadêmica sobre o assunto, ou seja, 1994. De acordo com os mesmos autores, a feira realizada em Santa Maria é de grande importância para o tema, pois é “um pólo de irradiação de princípios que cada vez mais são valorizados e focalizados no campo econômico”.

Levando-se em consideração que a Economia Solidária se apresenta como uma nova alternativa de inclusão social no mundo capitalista de hoje, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar as características socioculturais que estão presentes nos empreendimentos solidários. A partir desse diagnóstico, pretende-se identificar quais são as categorias sociais e as comunidades que formam os empreendimentos que participaram da 2^a Feira Mundial de Economia Solidária, realizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, no mês de Julho de 2013, além de mostrar quais são suas principais atividades econômicas.

2. ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária pode ser interpretada como organizações que elaboram e difundem uma nova ideologia na sociedade civil, tendo em vista que, a sua origem é atribuída aos movimentos associativistas do século XIX. Estes movimentos são vistos como um exemplo de uma alternativa ao modelo econômico vigente, pois traduziram o surgimento de experiências que nasceram na sociedade civil, sob a responsabilidade dos mecanismos de reciprocidade e do voluntarismo, que não possuíam fins lucrativos e que pretendiam trabalhar para a eliminação da exclusão social e por uma cultura da solidariedade (Teixeira, 2007).

Do mesmo modo, a cartilha “Saiba mais sobre Economia Solidária” (2006), que foi elaborada pelo Centro de Educação Popular do Rio Grande do Sul (CAMP) também argumenta que a economia solidária é uma alternativa de trabalho muito antiga, mas por outro lado, é também muito recente, pois muita gente vive dela e nem sabe disso. São pessoas que trabalham juntas, pensando e construindo o bem de todos.

Na sociedade capitalista de hoje muitas pessoas acabam excluídas do mercado de trabalho, e para Coutinho *et. al.* (2005) a economia solidária tem se mostrado cada vez mais como uma possibilidade de sobrevivência dessas camadas da população. A Economia Solidária se manifesta através de diferentes formas organizativas, construídas sobre princípios

que fundamentam a prática da autogestão, caracterizada por tomadas de decisões mais democráticas e relações sociais de cooperação entre pessoas e grupos.

É possível perceber nos empreendimentos solidários experiências que são baseadas no cooperativismo e no associativismo, todas de caráter democrático. Entre os empreendimentos econômicos solidários há iniciativas como as associações e cooperativas de trabalhadores rurais e urbanos, produtores de bens e serviços, centrais de comercialização, empresas autogestionárias, cooperativas de crédito, clubes de trocas e as organizações que atuam no campo do chamado comércio justo (Teixeira, 2007).

A Economia Solidária vem se consolidando como alternativa de desenvolvimento econômico aos modelos e padrões exploratórios da economia capitalista vigente atualmente na sociedade. Em relação a isso, Coelho (2006) contrapõe que, ao mesmo tempo em que não atua em um campo fora do capitalismo e do mercado formal, a Economia Solidária enraizada em suas concepções busca dentro da realidade existente formas alternativas de desenvolvimento econômico baseado em valores mais humanos, na busca da autonomia dos grupos que a praticam, em práticas sociais e ambientais sustentáveis.

2.1 Categorias Sociais dos empreendimentos

Buzzatti (2007) afirma que a Economia Solidária não pode ser vista apenas como um movimento econômico, é necessário que esteja ligada a outros movimentos sociais que buscam a melhoria de qualidade de vida das comunidades onde estão e também da população em geral. Deve-se entender a Economia Solidária como sendo mais uma estratégia de luta do movimento popular e operário contra o desemprego, distribuição de renda e a exclusão social.

Em um estudo realizado por Kuyven e Kappes (2013) foi analisado as categorias sociais presentes nos Empreendimentos de Economia Solidária (EES) situados na região sul do Brasil, e os resultados da pesquisa mostraram que os sócios dos empreendimentos pertencem a alguma categoria social definida. Em primeiro lugar, aparecem os empreendimentos com sócios que são agricultores familiares, representando 52% dos EES da região. Em seguida, aparecem empatadas as categorias “artesãos” e “outros”, com 19% cada. Nesta última estão incluídas as categorias “artistas”, “assentados da reforma agrária”, “garimpeiros”, “técnicos e profissionais de nível superior”, “outros trabalhadores autônomos”

e “não se aplica/não há predominância”. Por fim, aparecem também empatadas as categorias “catadores de material reciclável” e “desempregados”.

No campo da Economia Solidária se destacam, além das atividades realizadas de forma individual ou familiar, as diferentes modalidades de trabalho associativo, formalizadas ou não, a exemplo das cooperativas, empreendimentos auto gestionários, oficinas de produção associada, centrais de comercialização de agricultores familiares, associações de artesãos, escolas e projetos de educação e formação de trabalhadores, organizações de microcrédito, fundos rotativos, etc. Portanto, a economia solidaria pretende expressar um conjunto de atividades heterogêneas, sem idealizar os diferentes valores e práticas (Kraychete, 2000).

2.2 Categorias de atividades econômicas e as comunidades atuantes

Coelho (2006) ao analisar as experiências coletivas atuantes dentro da Economia Solidária, destaca que as quatro áreas produtivas mais prósperas⁷ são a agricultura familiar, a produção de alimentos já preparados, a confecção de gêneros artesanais e a prestação de serviços, respectivamente.

Com relação às atividades desenvolvidas pelos EES, há uma extensa variedade e expressiva quantidade de produtos e serviços. Conforme Buzzatti (2007), os produtos mais citados pelos EES são aqueles relativos às atividades agropecuárias, extrativistas e pesca, alimentos e bebidas e diversos produtos artesanais.

De acordo o Relatório da V Plenária Nacional de Economia Solidária (2013) se encontram presentes nas organizações solidárias setores historicamente marginalizados na sociedade, tais como negras e negros, comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas, pessoas com diferentes orientações sexuais e distintas gerações. Os limiares que circundam o que a literatura entende por Economia Solidária levam-nos a crer que os EES buscam algo além da forma de se produzir igualitariamente. Também se busca mostrar a história das comunidades, das etnias e de suas raízes, bem como a plena incorporação dessas

⁷Prósperas, segundo o autor, no sentido não puramente do lucro e do retorno monetário, mas sim no sentido de trazer benefícios mais amplos para os produtores.

comunidades, em igualdade de condições na vida política, econômica e cultural do país, como pressuposto fundamental para superar as desigualdades que ainda hoje persistem.

De acordo com a 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária (2006), as manifestações da Economia Solidária são diversas, dentre as quais se destacam: coletivos informais, associações, cooperativas sociais, organizações e grupos de crédito solidário, bancos comunitários, fundos rotativos e cooperativas de crédito; redes de empreendimentos, produtores e consumidores; grupos e clubes de trocas solidárias; empresas recuperadas pelos trabalhadores em autogestão; cadeias solidárias de produção, comercialização e consumo; centrais de comercialização; iniciativas de comércio justo; organização econômica de comunidades tradicionais (quilombolas, comunidades negras e terreiros de matrizes africanas, povos indígenas, ribeirinhas, seringueiros, pescadores artesanais e outros extrativistas etc.); cooperativas habitacionais auto gestionárias; grupos culturais; agroindústrias familiares, entre outras iniciativas, seja nas áreas urbanas ou no meio rural, respeitando a questão de gênero, raça, etnia e geração. (Item nº 6)

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa de cunho exploratório elaborada por meio de uma revisão bibliográfica inicial acerca dos limiares da Economia Solidária e da identificação das características socioculturais dos empreendimentos solidários. Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

Os dados analisados são de natureza primária e constituem-se como caracterizadores sociais, econômicos e sociais e o público-alvo desta pesquisa são os participantes da 2ª Feira Mundial de Economia Solidária, ocorrida na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul (Brasil) entre os dias 18 e 21 de Julho de 2013. Exploratória inicial e bibliográfica para levantamento de dados sociais, econômicos e culturais da população alvo.

A coleta dos dados foi feita *in locu* por meio da aplicação de questionários semi-estruturados, onde foram feitas questões abertas e fechadas referentes ao empreendimento de

Economia Solidária que estava expondo seus produtos e/ou serviços e as características sociais dos colaboradores do mesmo. Ao todo foram realizados 101 questionários. Para Yin (2005) as entrevistas são umas das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso e se destaca como técnica de coleta de dados deste trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Características Sociais

Em um estudo sobre gêneros e economia solidária Costa e Cruz (2009) verificaram que a participação das mulheres é bastante expressiva. A presença hegemônica das mulheres neste espaço indica tratar-se de um campo no qual estas buscaram refugiar-se das interdições produzidas pela divisão sexual do trabalho. O Gráfico 1 mostra informações referentes ao número de mulheres e de homens atuantes nos empreendimentos analisados.

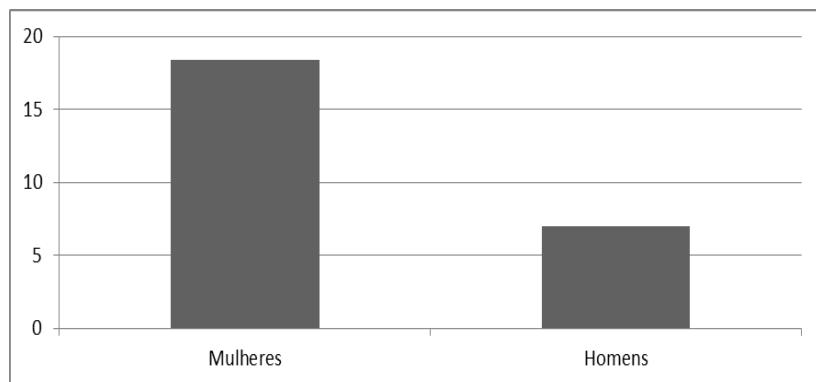


Gráfico 1: Número Médio de Mulheres e Homens nos Empreendimentos

Fonte: Dados da Pesquisa (2013)

O Gráfico 1 apresenta a média de representantes de cada gênero em cada estabelecimento e constata um dado bem expressivo e que está em conformidade com os autores, há em média 18 mulheres em cada empreendimento enquanto a média de homens é

de 7 por empreendimento. Demonstra-se que as mulheres estão buscando espaço na economia solidária para desenvolver suas capacidades e que os empreendimentos contam com um alto número de colaboradores, visto que pode-se inferir uma média de 25 colaboradores por empreendimento.

No que tange a formação educativa na sociedade envolvida em Economia Solidária, a Tabela 1 apresenta a média de escolaridades dos integrantes de empreendimentos participantes da Feira Mundial de Economia Solidária.

Tabela 1 - Média de Escolaridade das pessoas envolvidas nos empreendimentos

Escolaridade	Nº de empreendimentos
Ensino Fundamental Incompleto	0
Ensino Fundamental Completo	45
Ensino Médio Incompleto	0
Ensino Médio Completo	47
Ensino Superior Incompleto	1
Ensino Superior Completo	8

Fonte: Dados da Pesquisa (2013)

Pela Tabela 1, constata-se que a média de escolaridade dos colaboradores dos empreendimentos de economia solidária é, em grande parte, ensino médio completo, que perfaz cerca de 46% dos empreendimentos, e, por outro lado, o ensino fundamental completo perfaz aproximadamente 44% dos empreendimentos. Observa-se a concordância entre este dado e a escolaridade dos entrevistados, ressaltando-se novamente a baixa participação nos empreendimentos por parte de pessoas com o grau de escolaridade alto (ensino médio e/ou superior), indicando que os empreendimentos de economia solidária concentram-se em pessoas de nível baixo e médio de escolaridade e que torna-se excludente, em termos sociais.

Alguns empreendimentos de Economia Solidária são oriundos de comunidades ou grupos de indivíduos com origens similares. Segundo Dagnino (2002) geralmente fazem parte dos empreendimentos trabalhadores excluídos do mercado formal de trabalho que constituem novos empreendimentos coletivos de produção e serviços ou que assumem empresas falidas e em dificuldades. O Gráfico 2 retrata a situação dos empreendimentos quanto às comunidades que os formam.

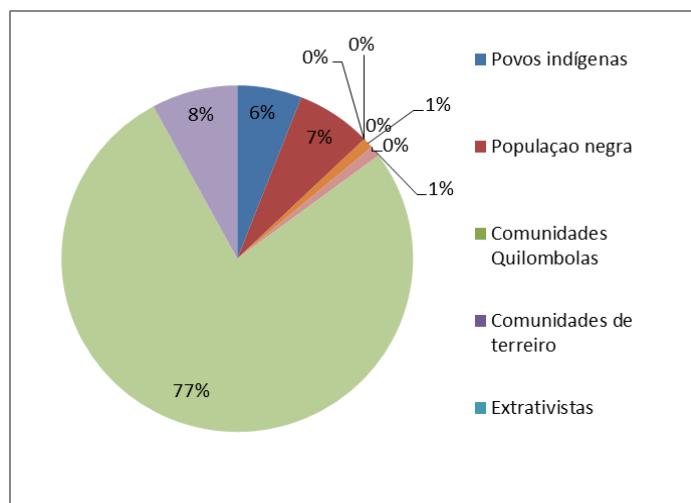


Gráfico 2 – Comunidades Participantes

Fonte: Dados da Pesquisa (2013)

O Gráfico 2 apresenta que as diferentes origens das comunidades que constituem os empreendimentos de Economia Solidária (EES) analisados. A massiva população classifica-se como comunidade tradicional (77%), sendo seguidos daqueles que se classificam como povos indígenas (6%) e população negra (7%). Torna-se relevante mencionar que 8% dos entrevistados não souberam responder que comunidade retrata sua origem.

No âmbito das comunidades tradicionais, que constituem-se daquelas mais ativas nos empreendimentos estudados, a classe artesã se destaca, como mostra os dados da Tabela 2.

Tabela 2 – Categorias Sociais dos Empreendimentos

Categorias Sociais	Nº de empreendimentos	%
Agricultores familiares	28	27,72
Artesãos	50	49,50
Artistas	2	1,98
Assentados da reforma agrária	0	0
Catadores de material reciclado	3	2,97
Garimpeiros ou mineiros	0	0

Técnicos, profissionais de nível superior	1	0,99
Outros trabalhadores autônomos	7	6,93
Desempregados	2	1,98
Não se aplica ou não há predominância	7	6,93
Não responderam	1	0,99

Fonte: Dados da Pesquisa (2013)

De acordo com a Tabela 2, infere-se que dos 101 empreendimentos entrevistados, 50 são formados por artesãos, perfazendo 49,50% dos empreendimentos, seguindo de 28 empreendimentos formados por agricultores familiares, que perfazem 27,72%.

4.2 Características dos empreendimentos

No que tange os empreendimentos que expuseram seus produtos e serviços na Feira Mundial de Economia Solidária, os dados referentes ao funcionamento propriamente dito das atividades produtivas, são apresentados no Gráfico 3.

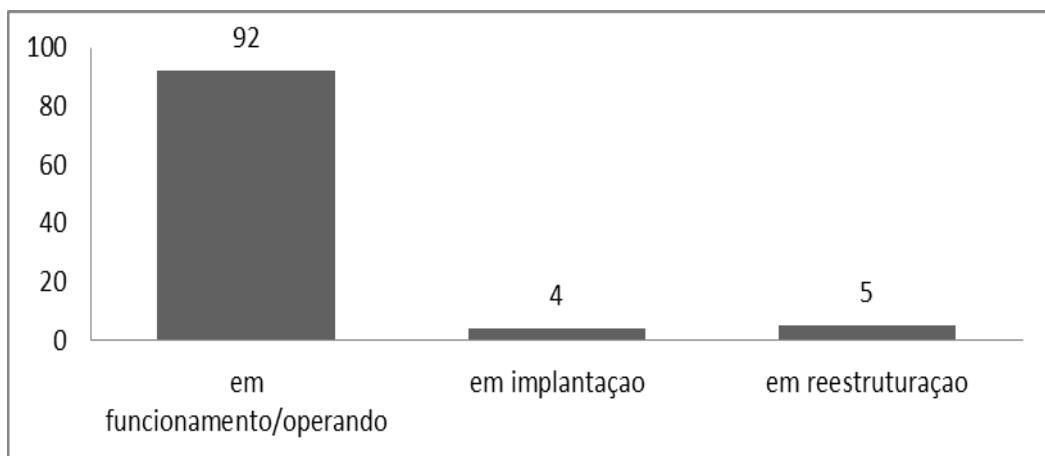


Gráfico 3 - Situação do Empreendimento.

Fonte: Dados da Pesquisa (2013)

A partir dessas informações, infere-se que a feira apresentava empreendimentos de Economia Solidária já estruturados (91%) e que, conforme o Gráfico 4, alguns destes contando com muitos anos de atividade. Constatase, igualmente, que não há um padrão de anos de atividade entre os empreendimentos, visto que há uma variabilidade, assim como uma disparidade nos dados, muito grande.

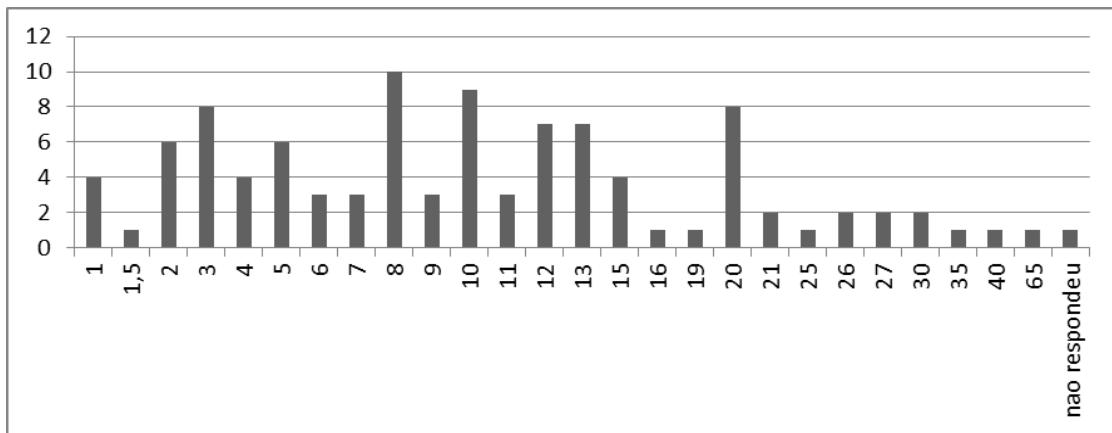


Gráfico 4: Anos de atividades X Número de empreendimentos

Fonte: Dados da Pesquisa (2013)

A Tabela 3 apresenta as categorias de atividades econômicas dos empreendimentos entrevistados, não observando-se qualquer padrão nas atividades exploradas, havendo uma igualdade nas parcelas relativas entre as atividades.

Tabela 3 – Categorias de atividades econômicas

Categorias de atividades econômicas	%
Artes, cultura, esporte e recreação.	32,12
Outras atividades de serviços	26,60
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca, e aquicultura	18,35
Outros	22,93

Fonte: Dados da Pesquisa (2013)

De acordo com Eid (2001) os empreendimentos solidários desenvolvem principalmente atividades econômicas como plantio, beneficiamento e comercialização de produtos primários, prestação de serviços, confecções, alimentação, artesanatos, entre outras. O Gráfico 5 apresenta os produtos ofertados pelos feirantes entrevistados, assim como os valores percentuais no total.

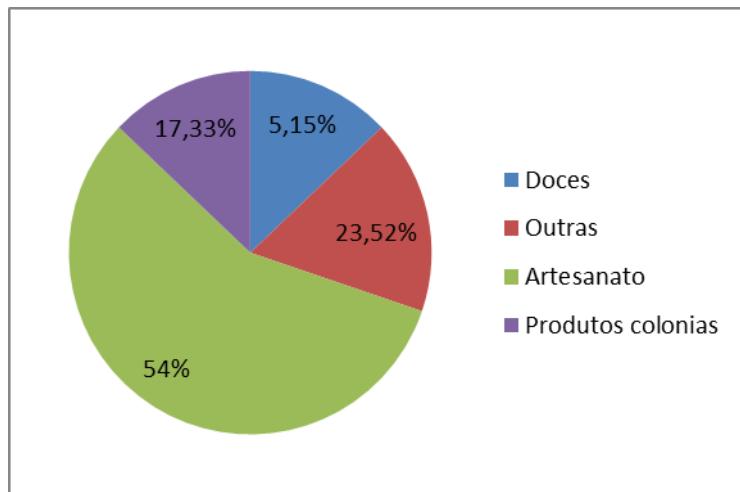


Gráfico 5 - Produtos ofertados pelos feirantes

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

De acordo com o Gráfico 5, observa-se que 54% dos produtos ofertados são artefatos artesanais, compreendendo a maior parte dos tipos oferecidos. Outros 23,52% dos ofertantes oferecem produtos diversos, tais como bebidas destiladas, brinquedos e confecção de roupas. Produtos coloniais representavam 17,33% e, por fim, os doces apresentam uma representatividade de 5% dos produtos ofertados.

Segundo Leone (2005 *apud* ADACHI, 2006) o conceito de empresas familiares pode ser abordado em quatro fatores: (i) iniciada por um membro da família; (ii) membros da família participando da propriedade e/ou direção; (iii) valores institucionais identificando-se com um sobrenome de família ou com a figura do fundador; e, por fim (iv) sucessão ligada ao fator hereditário. O Gráfico 6 apresenta o número de empreendimentos que são de cunho familiar ou não familiar.

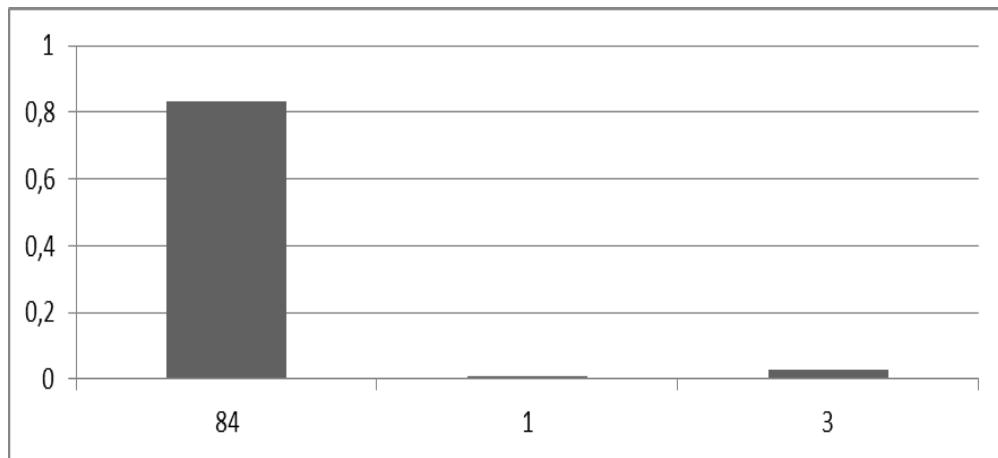


Gráfico 6 – Empreendimentos de cunho familiar

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Os empreendimentos observados classificam-se como, aproximadamente, 52,47% de cunho familiar e 46,53% não familiar, sendo que 1% dos entrevistados não souberam responder. Isso mostra que a maioria dos empreendimentos são formados por membros da própria família que trabalham juntos para aumentar suas rendas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo principal analisar as características socioculturais que estão presentes nos empreendimentos solidários, a fim de identificar quais são as categorias sociais e as comunidades que formam os empreendimentos de Economia Solidária, a partir dos dados dos expositores da 2^a Feira Mundial de Economia Solidária, realizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, no mês de Julho de 2013.

A partir da análise, constatou-se que a categoria social mais presente nos empreendimentos solidários são de artesãos. Esse resultado vai de acordo com a literatura

recorrente sobre empreendimentos de Economia Solidária, pois retrata o tipo de atividade que caracteriza esse tipo alternativo de se ver e organizar a produção.

Em relação às atividades econômicas dos empreendimentos solidários, artes e cultura se destacam o que condiz com a categoria social que se mostrou como a maioria sendo artesãos. Outras atividades e serviços, assim como também atividades relacionadas à agricultura estão presentes nesses empreendimentos.

Conclui-se que os empreendimentos de cunho familiar imperam e são compostos, em sua maior parte, por mulheres. A escolaridade dos integrantes dos empreendimentos se apresenta, em sua maior parte, como ensino médio completo, o que significa uma escolaridade regular. Isso retrata o fato que a maioria das atividades realizadas em empreendimentos solidários é de cunho artesanal e que não necessitam de um alto nível de formação para produzi-las, essas atividades produtivas se destinam para uma população com menos acesso a informação e formação intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADACHI, P. P. **Gestão de empresa familiar e solução de conflitos**. São Paulo: Atlas, 2006.

BENINI, E. G.; FIGUEIREDO NETO, L. F. **Desemprego e Economia Solidária: Repensando a Autogestão**. In: IV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGeT, 2007, Resende – RJ.

BUZZATTI, A. P. **A Economia Popular Solidária frente às transformações contemporâneas no mundo do trabalho**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas), Universidade federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

CAMP–Centro de Educação Popular Ação pela Solidariedade. Saiba mais sobre Economia Solidária. Porto Alegre, 2006.

CATTANI, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

COELHO, J. **Economia solidária e desenvolvimento sustentável: análise preliminar visando avaliar os espaços da economia solidária no RS**. Grupo de Pesquisa 13: Socioeconomia Solidária e Desenvolvimento Local. XLIV Congresso da SOBER “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”. 2006.

COSTA, J. C.; CRUZ, A. F. **Gênero e Economia Solidaria: Interfaces entre estes movimentos no âmbito do estado da Paraíba**. II Seminário Nacional Gêneros e Práticas Culturais, 2009, João Pessoa- PB.

COUTINHO, M. C.; BEIRAS, A.; PICININ, D.; LÜCKMANN, G. L. **Novos caminhos, cooperação e solidariedade: a psicologia em empreendimentos solidários**. Psicologia & Sociedade; 17 (1): 17-28; jan/abr.2005

CRUZ, Z. G. da; SANTOS, L. M. L. dos. **Economia Solidaria: Potencialidades e Desafios dos Empreendimentos Solidários em Londrina**. Livro: Economia Solidaria em Londrina, Aspectos Conceituais e a Experiência Institucional. Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2010.

DAGNINO, R. **Em direção a uma Estratégia para a redução da pobreza: a Economia Solidária e a adequação Sócio técnica**. Organização dos Estados Ibero-americanos, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KRAYCHETE, G. (org.). **Economia dos setores populares**. Entre a realidade e a utopia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KUYVEN, P. S.; KAPPES, S. A. **II Mapeamento da Economia Solidária Região Sul**:

Resultados do segundo Mapeamento Nacional. Cartilha Informativa, São Leopoldo, Brasil , 2013.

NETTO, L. F. F.; BENINI, E. G.; BENINI, E. A. **Economia Solidária e Autogestão: Limites e Possibilidades.** 48º Congresso Sober, Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural. Campo Grande, 25 a 28 de julho de 2010.

PELEGRINI, T.; LORENZONI, R. K.; SANGUINET, E. R.; DORR, A. C.; ROSSATO, M. V.; KLINGER, A. C. **Economia solidária de Santa Maria: estudo da difusão de seus valores e perfil dos participantes.** Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, v. 11, p. 2399, 2013.

GOIÁS, (2013). Relatório da V Plenária Nacional de Economia Solidária. Economia Solidária: bem viver, cooperação e autogestão para um desenvolvimento justo e sustentável, Goiás, 2013. Disponível em: <http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7611&Itemid=62>. Acesso em Setembro de 2013.

Secretaria Nacional de Economia Solidária. I^a Conferência Nacional de Economia Solidária. Anais. Brasília: SENAES/MTE, 2006. Disponível em: http://www3.mte.gov.br/ecosolidaria/conf_default.asp. Acesso em 25/08/2013.

TEIXEIRA, L. R. **A Ideologia Política na Economia Solidária: uma Análise de Empreendimentos Solidários em Salvador.** VI Conferencia Regional de ISTR para América Latina e El Caribe. 8 a 11 de novembro de 2007, Salvador de Bahia, Brasil. Organização: ISTR e CIAGS/UFBA.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. p. 16.

